

JESUS CURA NO CAMINHO

Traços de uma antropologia da saúde no evangelho de Marcos

Artur Peregrino

“Ele tem feito tudo bem; faz os surdos ouvirem e os mudos falarem” (Mc 7,37)

Resumo

O evangelho de Marcos, no qual, nas entrelinhas de uma cristologia, percebe-se os traços de uma antropologia, nos mostra um Jesus pés no chão, em contato direto com as pessoas excluídas da sociedade de sua época. Na segunda parte do evangelho, a partir do capítulo 8, na viagem para Jerusalém, o destaque é o “caminho”, ao longo do qual Jesus explica aos discípulos sua ação libertadora no meio dos pobres e desvalidos de seu tempo. E, no caminho, Jesus cura e liberta. Tal prática de Jesus inspira o Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN) que programam caminhadas ao encontro do povo brasileiro sofrido, em situações diversas, continuando o caminho de Jesus, curando pela solidariedade e serviço aos mais pobres de nossa sociedade. Assim foi a peregrinação de julho de 2011, posta em foco neste artigo, na 4ª parte, “A cura no caminho, hoje”.

Abstract

The Gospel of Mark, in whose Christology we find an anthropology, shows a Jesus down to earth in straight contact with the most excluded people of his age. On the Gospel's second part, from the chapter 8, it's featured the way to Jerusalem when Jesus explains to his disciples the liberating action between the poor and disadvantaged people of his time. On the way, Jesus heals and liberates. Such practice of Jesus inspires the Pilgrims Group of Northeast (GPPN) which programs “walks” towards the suffering brazilian people, keeping the practice of Jesus, healing through solidarity and service to the poor in our society. The July 2011 pilgrimage was like this, and its focus is placed on the 4th part of this article, “Healing on the way today”.

Introdução

O evangelho de Marcos, escrito por volta dos anos 66-70, reflete uma rica visão de ser humano, pois trata do confronto entre a proposta de Jesus de Nazaré e as comunidades de cristãos que viviam uns 30 anos após a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Já fica muito claro que as comunidades que transmitiram e elaboraram os evangelhos, bem como o redator final do texto, não tinham em mente fazer uma ata da vida de Jesus, mas antes, queriam interpretar, à luz da ressurreição, a pessoa de Jesus. A partir da ação libertadora de Jesus as comunidades passam a fazer uma leitura cristológica baseada na figura humana de Jesus. O evangelho de Marcos mostra, então, a compreensão do ser humano diante da proposta de Jesus. Assim sendo, quando Mc escreve uma cristologia, deixa também os traços de uma antropologia. Daí poderemos entender melhor a reação dos discípulos diante do humano Jesus.

A construção do evangelho de Marcos tem feições próprias como dizem os exegetas:

“Marcos é independente de Mateus e Lucas. Tal conclusão, aceita pela didática crítica bíblica moderna, se impõe pela brevidade de Marcos, e porque se percebe claramente que seu texto é o roteiro sobre o qual se constroem os dois outros evangelhos. Sua obra não é de um mero compilador. Marcos é autor, porque imprime ao material da Tradição sua própria perspectiva catequética ou teológica. Por isso, edita criticamente suas fontes na narrativa evangélica. Seu estilo tem características próprias. Nesse sentido, o autor Marcos interpreta e molda uma tradição, ao mesmo tempo em que se esforça por fixá-la¹.

O evangelho de Marcos se desenvolve em dois ambientes: a casa e o caminho. A partir do cap. 8, Jesus começa uma grande caminhada com seus discípulos em direção a Jerusalém. Nesse caso o caminho que Jesus trilhou explica sua ação libertadora no meio dos pobres e desvalidos de seu tempo. É no caminho que Jesus cura e liberta.

A doença e a saúde caminham lado a lado, são os dois lados da realidade. Jesus, o Filho de Deus, veio para nos salvar e nos curar de todos os males. No evangelho de Marcos, a sombra da cruz se projeta sobre toda a obra de Jesus. O evangelho de Mc tenta responder duas perguntas fundamentais: Quem é Jesus? Quem é o discípulo? Ao mesmo tempo mostra um Jesus pés no chão. No contato direto com as pessoas excluídas da sociedade de sua época.

1. Iniciando a conversa no caminho

Toda a ação de Jesus de Nazaré se dá no caminho. Sua ação liberta as pessoas da doença e opressão. Jesus cura para as pessoas verem, ouvirem, falarem e andarem. Jesus cura e liberta no caminho. É uma libertação integral. Jesus liberta a pessoa de sua situação de paralisia. Os evangelhos chamados sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) nos convidam a nos reconhecermos a nós mesmos nas doenças.

1. SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR., João Luiz Correia. *Evangelho de Marcos*. Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 14.

Os Evangelhos retratam que ia a Jesus muita gente levando doentes, de todo tipo de enfermidades, e Ele curava a todos. Por causa da falta de higiene e de grande contaminação, os doentes eram afastados da vida social. Além de libertar o doente do seu mal, Jesus fazia a pessoa retornar à vida da comunidade, à vida social.

O povo da Palestina acreditava que se uma pessoa estava doente era por ter pecado, ela ou alguém da família; desta forma, pela doença, o demônio tomava posse da pessoa. Isso fazia parte das ideias que corriam na cabeça do povo.

Os leprosos eram excluídos da sociedade por serem contagiosos e impuros. Os doentes mentais, diziam, são possuídos por um demônio. As mulheres eram excluídas da vida social, sendo tratadas como inferiores. Elas eram consideradas impuras durante o tempo das menstruações. Elas não tinham direito de serem testemunhas nos tribunais. Jesus se faz acompanhar por um grupo de mulheres. Dava-lhes um papel social muito importante. Jesus cura no caminho, e vai formando uma comunidade nova, a partir daqueles que são marginalizados pela sociedade do seu tempo, como eram as mulheres. Elas também são parte integrante do grupo que acompanhava Jesus.

Jesus oferece um caminho de libertação para todo aquele que o procura. O doente não só recebe a cura de Jesus, mas é salvo. Jesus prioriza a pessoa humana.

“Não nos consta a existência de algum outro homem antes de Cristo que tenha tido tanto amor, atenção e respeito para com os pobres, e se tenha interessado, incomodado, sacrificado para socorrer às necessidades, também dos indivíduos particulares, quanto Jesus. Nem sequer Sócrates, que gostava, sim, de misturar-se ao povo nas praças e lugares públicos, mas que atraía sobretudo os aristocratas e filhos de aristocratas, os únicos em condições de dialogar com ele. Jesus, pelo contrário, era sobretudo procurado e seguido pelos pobres e desamparados”².

A Parábola do Samaritano é uma perfeita ilustração da opção de Jesus. Está claro que o Deus do sacerdote e do levita, por um lado, e o Deus do Samaritano, por outro lado, são dois deuses diferentes e que na mente de Jesus o Deus verdadeiro é o Deus do Samaritano.

“Com mais razão ainda Jesus entrou em conflito com os doutores da lei. Para estes a adoração a Deus consistia na observância da lei e para Jesus a verdadeira adoração consistia na opção pela vida. O verdadeiro Deus queria a vida dos seus filhos e filhas e por isso Jesus dá vida, aumenta a vida, restitui a vida a todos os que sofrem, aos que foram prejudicados, destruídos pelas forças de morte. O conflito com os doutores era inevitável, e as mais duras palavras de Jesus são dirigidas aos doutores da lei”³.

2. NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e anti-humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 45.

3. COMBLIN, José. Cidadania, lei e liberdade, *Estudos Bíblicos*, n. 79, 2003, p. 104.

2. Jesus de Nazaré, o templo e as peregrinações

Tudo o que sabemos sobre Jesus nos foi contado por comunidades cristãs que haviam sido expulsas do judaísmo e do seu culto. De acordo com os evangelhos, Jesus nasceu em Belém, viveu em Nazaré, aos sábados frequentava a sinagoga e, entre uma a três vezes ao ano, ia em peregrinação a Jerusalém.

No tempo de Jesus, o templo de Jerusalém era o centro da religião, mas funcionava também como sede do poder econômico e político daquela província romana. Assim, o templo, que podia ser o símbolo da liberdade de Israel, tornara-se instrumento da dominação dos romanos e dos sacerdotes judeus. Por isso, de acordo com as primeiras comunidades cristãs, Jesus respeitava-o, mas queria purificá-lo desta infidelidade. Várias vezes, denunciou este sistema iníquo e proclamou que destruiria aquele templo de pedra e faria um novo templo de Deus no meio do mundo. No templo Jesus criticou uma religião baseada no comércio e na exploração dos pobres. Infelizmente, até hoje ainda há santuários que usam o nome de Jesus e a fé do povo simples para juntar dinheiro. Contra os mercadores do templo, Jesus fez um chicote e os expulsou, gritando: “Não façam da casa do meu Pai um covil de ladrões” (Jo 2,13).

Jesus não faz uma pregação sobre os preceitos da Torá e nem tampouco sobre quem é Javé. Começa sua ação levando o povo a perceber a realidade. Ele não é um fariseu e nem um doutor da Lei, que vai fazendo elucubrações teológicas e citando textos bíblicos, dando aulas de teologia. De acordo com a maioria dos exegetas, Jesus não tinha grandes conhecimentos da Torá, uma vez que o estudo da Lei não acontecia no ambiente de Nazaré, onde ele viveu. O conhecimento bíblico de Jesus era mediano, próprio dos moradores da Galileia que viviam distantes de Jerusalém, o centro teológico e cultural da época.

Jesus não sai pela Palestina fazendo discursos teológicos. Ele se insere no meio do povo e, a partir da contemplação da realidade, vai ajudando esse mesmo povo a perceber a presença amorosa de Deus. Não parte de Deus para chegar à realidade, mas parte da realidade para fazer as pessoas se darem conta do amor misericordioso do Pai. Começa falando de comida, de bebida, de roupa, das preocupações cotidianas, convidando os homens e as mulheres a contemplarem a erva do campo e os pássaros do céu (Mt 6,25-34), e, a partir do concreto, chegar até à providência divina e à centralidade do Reino de Deus e da sua justiça (Mt 6,33).

Em outras ocasiões, para explicar como a Palavra age nas pessoas, parte da vida concreta dos lavradores, do trabalho doméstico das mulheres (Mt 13,31-33). Para dizer como deve ser a conexão entre o discípulo e o Pai, parte da experiência dos trabalhadores na agricultura, que certamente eram a maioria absoluta, senão a totalidade, dos seus ouvintes (Jo 15,1-6). Para explicar como é o seu cuidado e o cuidado do Pai para com as pessoas, fala da atividade do pastor, cuidador de ovelhas (Jo 10,1-21).

Portanto, Jesus não se preocupa em “partir de Deus”, como queriam os fariseus e os legalistas doutores da Lei, preocupados com as picuinhas religiosas e com as precisões teológicas. Jesus partia da vida real, concreta, do seu povo. Como bom pedagogo sabia que esse método funcionava realmente e possibilitava às pessoas compreende-

rem o que precisavam compreender para aderir à sua proposta de Reino de Deus. E os Evangelhos são unânimes em nos mostrar que o método de Jesus funcionou e que o povo entendeu plenamente a sua mensagem. “E uma grande multidão o escutava com gosto” (Mc 12,37).

Mesmo com toda esta polêmica contra o sistema religioso, os evangelhos contam que Jesus fazia as romarias que eram comuns aos pobres da Galileia. Numa dessas romarias ao Templo de Jerusalém, por ocasião da Páscoa, ele já não pode ser visto pelos círculos oficiais do templo (era perigoso), mas não deixa de ir no meio dos peregrinos. Numa sala emprestada, realiza com seus discípulos a sua ceia. Parecia ser a Ceia Pascal antecipada, talvez conforme o costume dos samaritanos, o que para os judeus era uma ofensa. Deve ter sido a gota d’água para provocar sua prisão e condenação à morte. Os discípulos de Jesus irão lembrar mais tarde que o lugar do encontro entre Deus e a humanidade é agora o corpo do Cristo Ressuscitado⁴.

3. Jesus cura no caminho

Com a sua ação Jesus questiona as pessoas do seu tempo e a nós, hoje. Jesus não caiu do céu, vindo de outro planeta; acreditamos que Ele vem de Deus, mandado pelo Pai. O fato de ser Filho de Deus não faz dele um estrangeiro, alheio à vida dos homens e mulheres de seu tempo. Por isso Jesus cura no caminho. Jesus não faz uma peregrinação para romper quilômetros, mas para encontrar as pessoas onde elas estão. Na sua situação concreta. E assim Jesus priorizou os mais pobres e esquecidos pelo sistema de seu tempo.

3.1. Cura de um paralítico Mc 2,1-12

*Por falta de espaço físico, pelo teto foi baixado.
Levado por quatro homens, em uma cama deitado.*

*Vendo a fé dessas pessoas, seus pecados perdoou.
Os “doutores” censuraram, pensando: “Ele blasfemou”.*

*Jesus logo percebeu, e disse: meu poder é grande.
Ordenou ao paralítico: “pegue sua cama e ande!”
(Verso da Irmã Rozário, RSCJ – Mc 2,1-12)*

O paralítico de Marcos 2 é uma visualização que a lei é para servir ao ser humano e não o ser humano para servir a lei. Vejamos:

¹Dias depois, tendo Jesus voltado a Cafarnaum, ouviu-se dizer que estava em casa. ²Juntou-se tanta gente que nem mesmo à volta da porta havia lugar, e anunciava-lhes a Palavra. ³Vieram, então, trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. ⁴Como não podiam aproximar-se por causa da multidão, desco-

4. Cf. BARROS, Marcelo & PEREGRINO, Artur. *A festa dos Pequenos*. Romarias da terra no Brasil. São Paulo: Paulus, 1996.

briram o teto no sítio onde Ele estava, fizeram uma abertura e desceram a cama em que jazia o paralítico. ⁵Vendo Jesus a fé daqueles homens, disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados.” ⁶Ora estavam lá sentados alguns doutores da Lei que discorriam em seus corações: ⁷“Por que fala este assim? Blasfema! Quem pode perdoar pecados senão Deus?” ⁸Jesus percebeu logo, em seu íntimo, que eles assim discorriam; e disse-lhes: “Por que discorreis assim em vossos corações? ⁹Que é mais fácil? Dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, pega a tua cama e anda?’” ¹⁰Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar os pecados, ¹¹Eu te ordeno — disse ao paralítico — levanta-te, pega a tua cama e vai para tua casa.” ¹²Ele levantou-se e, pegando logo a cama, saiu à vista de todos, de modo que todos se maravilhavam e glorificavam a Deus, dizendo: “Nunca vimos coisa assim!”

O paralítico de Marcos 2 é uma visualização das nossas paralisias internas; o leproso, da nossa incapacidade de autoaceitação, de modo que aquilo que reprimimos saia pela nossa pele, tornando-a leprosa. Jesus cura as doenças psicossomáticas, portanto, doenças em que podemos ver uma imagem da nossa própria situação.

No real encontro com Jesus podemos curar todas as posturas doentes dentro de nós, como as que a Bíblia descreve nas diversas formas de adoecimento: nossas paralisias e bloqueios, nossa cegueira, o rígido e o morto dentro de nós; nossa incapacidade de nos aceitarmos, nossa surdez e mudez, imagens da falta de comunicação verdadeira, o ressecado e empenado dentro de nós e nosso medo de viver⁵.

Já o texto de Mc 3,1-6 nos relata uma cena em que Jesus decididamente enfrenta os defensores da lei. Jesus é livre das estruturas e dele mesmo.

3.2. Cura da mão paralisada (Mc 3,1-6)

“Presente na sinagoga, um homem com a mão seca.

Jesus ao entrar percebe dos fariseus a suspeita.

Irá curá-lo num “sábado”? É a pergunta que vem.

O que é melhor nesse dia: fazer o mal ou o bem?

“Levanta-te, vem para o meio”. E faz a cura sem medo.

Daí os fariseus tramam para matá-Lo em segredo.

(Verso da Irmã Rozário, RSCJ – Mc 3,1-6)

¹Novamente entrou na sinagoga. E estava lá um homem que tinha uma das mãos paralisada. ²Ora eles observavam-no, para ver se iria curá-lo ao sábado, a fim de o poderem acusar.

³Jesus disse ao homem da mão paralisada: “Levanta-te e vem para o meio.” ⁴E a eles perguntou: “É permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida

5. GRÜN, Anselm & DUFNER, Meinrad. *A saúde como tarefa espiritual*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 33.

ou matá-la?” Eles ficaram calados.⁵Então, olhando-os com indignação e magoado com a dureza dos seus corações, disse ao homem: “Estende a mão”. Estendeu-a, e a mão ficou curada.

⁶Assim que saíram, os fariseus reuniram-se com os partidários de Herodes para deliberar como haviam de matar Jesus.

Jesus mostra que não tinha vindo para ensinar a lei, defender a lei ou castigar os que não praticavam a lei. A lei maior que Jesus anunciou e por ela morreu foi o amor. Por isso Jesus ensina com a própria vida que a lei maior é colocar a própria vida acima de qualquer lei.

Com esta cena fica claro que Jesus não se submetia à lei. Jesus entra em conflito com o sistema sacerdotal que mantém o povo na dependência e na pobreza. De fato, Jesus entrou em conflito direto com os doutores da lei. Para estes a adoração a Deus consistia na observância da lei e para Jesus a verdadeira adoração consistia na opção pela vida. Jesus ia percebendo, no caminho, que o confronto com os doutores da lei era inevitável. Jesus dirige palavras muito duras aos doutores da lei que mantêm um sistema de doença e morte para o povo.

O Evangelho de Marcos retrata Jesus como estando em conflito com as autoridades religiosas ao longo de toda sua atividade: na Galileia, no caminho para Jerusalém, e na cidade de Jerusalém.

Com a cena do homem da mão seca Jesus insiste que a vida está acima de qualquer lei. Os doutores querem que prevaleça sempre a lei, mesmo quando prejudica a vida. Jesus insiste que a lei não deve ser feita para subjugar o ser humano, mas para servi-lo.

3.3. O cego de Jericó (Mc 10,46-52)

*O cego, ao ouvir dizer que era Jesus a passar,
“Tem piedade de mim!”, logo começa a gritar.*

*Muitos o repreendiam, dizendo: não grite assim.
Ele gritava mais alto: “Tem piedade de mim!”*

*Jesus para e lhe pergunta: “O que faço por você?”
E o cego lhe responde: “Mestre, o que eu quero é ver!”
(Verso da Irmã Rozário, RSCJ – Mc 10,46-52)*

⁴⁶Chegaram a Jericó. Quando Jesus saía de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. ⁴⁷E ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!” ⁴⁸Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”

⁴⁹Jesus parou e disse: “Chamai-o.” Chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem, levanta-te que Ele chama-te.” ⁵⁰E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus. ⁵¹Jesus perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” “Mestre, que eu veja!”, – respondeu o cego. ⁵²Jesus disse-lhe: “Vai, a tua fé te salvou!” E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.

Jesus não abre somente os olhos do cego, mas também o coração. E o cego curado reconhece Jesus como Messias, o Filho de Deus. O cego curado descobre o verdadeiro messianismo de Jesus. O servo sofredor, que, a caminho do seu sofrimento, se apieda dos sofrimentos alheios, por isso segue Jesus para o confronto final em Jerusalém. Desse modo Bartimeu torna-se o modelo do verdadeiro discípulo que segue Jesus até a morte.

Toda a caminhada de Jesus pode-se compreender a partir dos episódios de curas de cegos.

“Começa com o cego de Betsaida (Mc 8,22-26) e se conclui com o cego de Jericó (Mc 10,46-52). Ora, a secção anterior se concluiu com a dura repreensão de Jesus: ‘Tendes olhos e não vedes’ (Mc 8,18). Os discípulos são os cegos e Jesus terá muita dificuldade de curá-los, pois, mesmo que tenham começado a enxergar, ainda veem o caminho confusamente (Mc 8,24-25). Mas nem tudo está perdido. Apesar das dificuldades de terreno (Mc 4,4-7) e da cegueira de olhos, alguém vai finalmente ‘segui-lo pelo caminho’” (Mc 10,52)⁶.

Fica muito claro que toda caminhada de Jesus é um constante convite para a abertura dos olhos. Há uma ligação permanente com os simbolismos de abrir os olhos, andar, ouvir e falar (Mc 8,13-21).

3.4. O surdo (Mc 7,31-37)

*Levaram até Jesus para que lhe pusesse a mão,
Um homem que mal falava e não tinha audição.*

*Jesus com as mãos e saliva a língua dele soltou,
E ao pronunciar “Efata!” o surdo logo escutou.*

*Contudo lhe proibiu que contasse pra alguém
Mas todo o povo pregava que Ele só fazia o bem.*

(Verso da Irmã Rozário, RSCJ – Mc 7,31-37)

³¹Tornando a sair da região de Tiro, veio por Sídon para o mar da Galileia, atravessando o território da Decápole. ³²Trouxeram-lhe um surdo tartamudo e rogaram-lhe que impusesse as mãos sobre ele.

6. SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR., João Luiz. *Evangelho de Marcos*, p. 27.

³³ Afastando-se com ele da multidão, Jesus meteu-lhe os dedos nos ouvidos e fez saliva com que lhe tocou a língua. ³⁴ Erguendo depois os olhos ao céu, suspirou dizendo: “*Effathá*”, que quer dizer “abre-te.” ³⁵ Logo os ouvidos se lhe abriram, saltou-se a prisão da língua e falava corretamente.

³⁶ Jesus mandou-lhes que a ninguém revelassem o sucedido; mas quanto mais lho recomendava, mais eles o apregoavam. ³⁷ No auge do assombro, diziam: “Faz tudo bem feito: faz ouvir os surdos e falar os mudos.”

A missão de Jesus inicia a nova criação (Gn 1,31). Jesus abre os ouvidos e a boca das pessoas, para que sejam capazes de ouvir e falar. Que sejam capazes de fazer o discernimento sobre a realidade para transformá-la. A transformação se dá nos níveis pessoal e social. A atividade libertadora de Jesus cria uma situação nova para os seus interlocutores. Quem é curado por Jesus é convidado a transformar-se; tornando-se assim os pés, as mãos e a voz dos excluídos e indefesos.

Nesse episódio entre Jesus e o surdo-mudo há um destaque interessante para uma comunhão corporal. Há uma dimensão do toque: os próprios dedos, a saliva, O toque da língua. É um acontecimento que mostra uma pedagogia da proximidade entre Jesus e os pobres necessitados. A cura se dá dentro de uma atmosfera afetiva. Isso é característico de como Jesus cura no caminho.

“Finalmente, deve-se notar o paralelismo existente entre este episódio e o da cura do cego no final da secção. Ambos são relatos próprios de Marcos; tanto um como outro concluem uma sequência iniciada com a cena da partilha dos pães; em ambos os casos, o milagre se descreve de maneira bastante semelhante (Mc 7,32-33; 8,22-23). O objetivo de Marcos parece ser o de exemplificar concretamente a profecia de Isaías 35,5-6, onde se fala da cura de surdos, mudos e cegos⁷.

A ação de Jesus se espalha por terras de gentios. Significa que não há limite geográfico para a mensagem da Boa-Nova. O autor do livro de Marcos deixa claro, portanto, que sua obra não é completa e que, para chegar ao fim, supõe que o leitor tome uma posição. A posição é continuar o livro na sua própria vida, tornando-se discípulo de Jesus.

Jesus cura no caminho. De fato acontece a cura quando topamos com o Ressuscitado na Galileia (Mc 16,7). Trata-se agora de continuar no tempo presente a atividade de Jesus, através da prática que faça acontecer o milagre da cura. Que faça acontecer a chegada do Reino.

Para ilustrar o que refletimos até agora convido ao leitor a fazermos uma pequena peregrinação pelo relato que se segue.

7. SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR., João Luiz. *Evangelho de Marcos*, p. 287.

4. A cura no caminho, hoje

“O Deus bíblico é um Deus de aventura. É um Deus de caminhada, de peregrinação. Essa foi a vida de Jesus de Nazaré. Nossa condição de peregrinante sacode a instalação e o marasmo” (GPPN).

O texto que tentamos construir tem o fio condutor do caminho seguido por Jesus. Continuamente, o evangelista nos recorda: “no caminho” (Mc 8,27), “caminhava através de...” (Mc 9,33.34), “partindo dali, foi...” (Mc 10,1), “ao retomar sua caminhada” (Mc 10,17), “estavam no caminho” (Mc 10,32), “à beira do caminho” (10,46), “seguia-o pelo caminho” (Mc 10,52).

Nada mais conveniente agora, para terminar, que um relato de uma experiência vivida no caminho hoje. A experiência que segue vive-se no Nordeste do Brasil. É uma vivência de um grupo de cristãos de várias igrejas. O grupo se chama: Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN). Vejamos o que o grupo diz de si mesmo:

Quem somos?

Somos um grupo em torno de 30 cristãos, mulheres e homens, na sua maioria leigos e leigas. Alguns casados e outros solteiros, de diferentes Estados do Nordeste. Cada membro do grupo vem de uma experiência de comunidade cristã ou não. Nos caracterizamos como um grupo ecumênico, tentando viver o sonho de Jesus: “que todos sejam um” (Jo 17).

O que fazemos?

Caminhar a pé pelo Nordeste do Brasil, tendo como objetivo central viver uma experiência de Deus na estrada tendo presente a gratuidade do Reino e a eficácia histórica. De onde iniciamos a peregrinação só andamos a pé, não recebemos nem levamos dinheiro e não carregamos comida. Em cada lugar que chegamos procuramos visitar as pessoas para escutá-las e, juntos, nos esforçamos para seguir Jesus que, a exemplo do Servo de Isaías (52,13–53,12), não se fez Senhor, mas assumiu os conflitos e se esvaziou até a morte de cruz e hoje vive ressuscitado em nosso meio.

Qual o objetivo?

Procuramos viver a misericórdia de Deus no meio dos pobres acreditando que o ser humano é um ser que por suas próprias forças não chega ao mistério de Deus. Sem a graça de Cristo, o ser humano é cego. Para nos realizarmos precisamos todos da luz de Jesus. Para cada peregrinação elegemos alguns objetivos específicos.

A peregrinação vivida em julho de 2011

Em Pernambuco, diversas cidades da Mata Sul, localizadas no território da Diocese de Palmares, foram declarados em Estado de Calamidade por terem sido atingidos pe-

las inundações: Cortês, Maraial, Jaqueira, Catende, Palmares, Água Preta e Barreiros. Em face das últimas enchentes ocorridas na Mata Sul do Estado de Pernambuco (20/10/2011), vitimando inúmeras famílias que ficaram sem teto e sem condições de suprir as necessidades básicas, o GPPN resolveu fazer uma peregrinação no coração desse drama humano. Quando estas cidades estavam se recuperando das chuvas de junho 2010, as águas voltaram em maio 2011. As consequências das inundações em Palmares e em outras cidades da Mata Sul são muito visíveis, em seu aspecto urbanístico e na sua fisionomia social. As marcas da destruição ainda estão muito presentes no cenário urbano e na consciência coletiva, com cenas de muita dor e sofrimento.

Objetivos da peregrinação 2011

Viver uma experiência de Deus no meio desse povo. Aconselhava-nos o saudoso padre José Comblin, o ano passado (2010): *“nessa caminhada vocês devem alimentar a esperança do povo. Não devem deixar a esperança do povo morrer”*. Para isso queremos:

- encontrar as crianças, os jovens, homens e mulheres que sofreram com esse drama para juntos encontrarmos sentido para a vida;
- sacudir a instalação e o marasmo que, muitas vezes, se perpetuam com formas tristes de individualismo e desamor na sociedade e no meio do próprio povo pobre;
- averiguar de perto a real situação das ações emergenciais de órgãos públicos no que se refere às promessas feitas no sentido de resolver essas graves ocorrências;
- celebrar, em tudo isso, a presença de Jesus Cristo que é um Deus, que é todo-poderoso no amor. Faremos sempre uma celebração de fé com a comunidade visitada, respeitando dois momentos de oração no interno do grupo que caminha.

Data da peregrinação 2011

02 de julho e término 10 de julho de 2011.

Escolhemos as seguintes cidades para a peregrinação pela ordem: Maraial, Jaqueira, Catende (Canaã), Palmares, Água Preta, Santo André e Barreiros.

Mulheres e crianças no dilúvio

Esse foi o título que ficou no pós-caminhada. As mulheres e as crianças foram as que, de fato, sofreram mais com as enchentes. E é importante ver o fenômeno das enchentes não só como uma consequência da natureza, mas também como um resultado de um processo histórico. Tudo está ligado a um modelo de desenvolvimento da re-

gião. Sabe-se que com a exploração no campo (monocultura da cana de açúcar) e a expulsão dos trabalhadores inicia-se nas construções de casas à beira do rio, em torno das cidades da Zona da Mata, como é chamada essa região de Pernambuco.

As peregrinas e peregrinos viram e ouviram muitas coisas. “Foi de cortar coração”, dizia um deles.

Alguns relatos e comentários:

Relato de uma mulher

“O sofrimento maior é porque não temos sanitário. Tenho que lutar muito com essas quatro crianças. Porque elas fazem as necessidades em bolsas de plástico e depois eu vou levar lá longe. E isso é uma agonia. Já estou completando um ano morando nesse barraco” (Mãe com suas filhas em um barraco).

Comentário

“O olhar, particularmente, das mulheres nos impressionou. Era um olhar fundo, longe, imaginativo. É como se tivesse permanentemente diante de si a casa que morava. Na certeza que a perdeu prefere fazer ‘castelo’ para iludir-se diante do sofrimento presente na sua dura realidade” (De um peregrino).

Relatos das crianças

“Fiquei vendo minha mãe chorando direto com a casa cheia d’água e sem luz. Foi bom..., porque a gente brincava no escuro”.

“Fiquei chorando e com muita pena quando vi minha boneca novinha indo de água a baixo”.

Comentário

“Fizemos um momento de brincadeira com as crianças. O importante foi ver o jeito que as crianças falaram. Falaram do desespero da mãe. De duas noites sem luz e sem água. Da boneca que se foi. É sinal que as crianças conseguem ver o positivo em qualquer coisa. De certa forma foi o que mais me impressionou” (De um peregrino).

Relato de um homem

“Na enchente desse ano muita gente ficou na rua e dependia de espaço para se abrigar. Nessa igreja chamada Universal entramos na marra. Não tinha mais para onde as famílias irem com esse montão de crianças. Fomos bater na porta da igreja Universal porque as outras já estavam cheias. Mas o pastor não queria abrir a porta. Aí a justiça deu uma sentença para abrirem. Mas o pastor não abriu.

Aí nos reunimos, pegamos uma marreta e arrombamos a porta. Entramos nessa igreja e já faz mais de um mês que estamos aqui” (Homens e mulheres relataram esse acontecido na cidade de Água Preta).

Comentário

“Esse acontecimento expressa até onde nós chegamos. A atitude do pastor da igreja Universal é exatamente a negação do evangelho que ele se propõe pregar. Mas um dado muito interessante é que o povo fez com que a igreja se abrisse na marra. Aí a igreja virou um acampamento dos sem casa. Só assim Deus pode acampar dentro da igreja” (De um peregrino).

Esses três depoimentos expressam bastante o espírito da caminhada vivida. A cura na dimensão evangélica está presente durante toda a caminhada. É uma peregrinação de estar presente junto ao povo sofrido nos dias de hoje. Podemos afirmar que Jesus continua curando no caminho através de pessoas que se dispõem a encontrar os sofredores em seu mundo concreto.

Alguns relatos de peregrinas(as) fizeram a caminhada:

“A gente veio unir o nosso coração ao coração das pessoas que sofreram com as enchentes... a gente veio para ver os sinais da presença de Deus no meio do povo. As águas levaram tijolos e deixaram o amor aos irmãos – a solidariedade”.

“O peregrino deixa o perfume de Deus por onde passa”.

“Encontramos muitas mulheres, servas sofredoras. Foi a realidade que encontramos”.

“Senti uma experiência muito boa. Andar só a pé. Não carregar dinheiro nem comida. Isso dá uma disposição interior muito grande”.

“Rever os irmãos de caminhada é muito bom. Passar nas comunidades e refletir sobre a cheia. Olhar nos olhos dessas pessoas e ver os seus gestos. Ver as ruínas das casas e pisar no chão que foi coberto por água. Escutar as pessoas que na sua fala nos ensinam como viver uma vida de perda. Elas nos ensinam que é importante o desapego”.

“O que nos traz aqui? Eu não sei, mas não consigo viver sem a peregrinação. Estamos na mística do povo”.

“Viver o evangelho é caminhar. Antes das igrejas o povo de Jesus é o povo do caminho”.

“Quem bebeu da água da cabaça, no próximo ano está aí de novo”.

“Peregrinação é uma experiência profunda. Fazer uma peregrinação é tomar um porre de alegria, um porre de felicidade. É uma experiência única”.

“O dia que passamos na cidade de Palmares foi muito forte. A gente viu aquele mundo de destruição por causa das enchentes. Conversamos com muita gente. Vimos e visitamos os acampados”.

Essa peregrinação teve 27 peregrinas e peregrinos caminhando. Eram dos estados do Nordeste. O grupo existe desde 1986. Está completando 25 anos de caminhada pelas estradas poeirentas do Nordeste.

Nessa experiência pode-se observar que o itinerário é caminhar pelo evangelho de Marcos. Na imitação de Jesus que caminha com seus discípulos, o Grupo de peregrinas e peregrinos do Nordeste faz reiterados movimentos de instrução para a abertura dos olhos.

Conclusão

Podemos finalmente dizer que Deus não quer nunca o sofrimento de ninguém e que as dores e sofrimentos dos inocentes são resultado do pecado dos poderosos e enriquecidos deste mundo. Por isso Jesus, em sua peregrinação, fez muitas curas. Jesus quis mostrar que a libertação acontece para as pessoas, fazendo-as andar com as próprias pernas. A cura de toda paralisia possibilita andar, enxergar, ouvir etc.

A saúde é um compromisso dos humanos uns com os outros. O combate às enfermidades exige o esforço individual e a solidariedade fraterna, visto que saúde não é apenas ausência de doenças; é o bem-estar nas diversas dimensões da vida pessoal e social. Podemos dizer ainda que existe um estreito relacionamento entre saúde e política, saúde e economia, saúde e cultura etc. Assim se expressou a Campanha da Fraternidade de 1981 em seu texto base:

“Há, portanto, estreito relacionamento entre saúde e renda nacional, saúde e infra-estrutura urbana e rural, saúde e atendimento aos mais carentes que reivindicam melhores condições de vida, alimentação, moradia, saneamento, salário justo, educação, trabalho, repouso e meio-ambiente sadio. Para a verdadeira libertação e promoção das pessoas e comunidades, reitera-se a urgência de se conscientizar a todos sobre o direito e a necessidade de educar para a saúde e de tudo fazer para reservá-la ou recuperá-la”⁸.

Saúde e doença estão presentes na realidade humana. A doença e a saúde caminham lado a lado, são os dois lados da realidade. É bem verdade que em muitas situações a doença se torna uma oportunidade de fazer uma reflexão mais profunda sobre o sentido da vida. O Apóstolo Paulo proclama paradoxalmente, mas triunfalmente: “Por isto, eu me comprazo nas fraquezas, nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10).

“Cristo veio para nos salvar e nos curar. Apenas quem sentiu a perda descobrirá o que é a salvação. Apenas quem conhece a doença valoriza a saúde. Assim, não podemos reagir imediatamente com peso na consciência e sentimento de culpa quando adoecemos ou estamos doentes. Deveríamos, sim, aceitar a nossa condição humana. Somos humanos, dependemos da cura de Deus, não po-

8. CNBB – *Campanha da Fraternidade 1981 – Saúde e Fraternidade*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 23.

demos nos curar sozinhos. Nem os mais saudáveis hábitos de vida podem evitar que adoecemos” (GRÜN, 2005).

A doença pode também ser interpretada como crise que pretende nos abrir os olhos para a verdadeira realidade, ela se transforma numa chance de nos aproximarmos de Deus. A doença nos obriga a não nos definirmos a partir de nós mesmos e de nossa força e saúde, mas a partir de Deus.

Tudo o que dissemos foi para abrir um diálogo no caminho. A cura se dá a partir da nossa abertura de coração e disposição para seguir as pegadas do Mestre. A propósito lembro uma história contada por místicos judeus que era a seguinte:

No século XVII, numa cidadezinha do norte da Europa, a pequena comunidade judaica reuniu para celebrar juntos, as famílias do campo e da cidade, a festa da Páscoa. Todos vieram, festejaram e já estavam para ir embora quando o rabino perguntou se todos tinham gostado da festa. Todos afirmaram que sim, e um senhor explicou que estava tão feliz que, a caminho da sinagoga, havia encontrado um desconhecido que lhe perguntou:

– Neste lugar, o povo de Deus está bem?

– Ele havia respondido que todos estavam muito bem porque estavam celebrando a festa da Páscoa. Então o desconhecido riu e disse:

Então, graças a Deus posso ir ajudar em outro lugar.

Quando o rabino ouviu aquilo, caiu por terra e disse:

– Ah! Meu Deus, era o Messias. Ele achou que estamos tão satisfeitos que nem o esperamos mais. Você tinha de dizer que celebramos a festa na alegria, mas que, durante a ceia, comemos ervas amargas para lembrar que ainda não estamos livres e ansiamos pela libertação (BARROS; PEREGRINO: 1996).

Jesus continua curando no caminho hoje através de nós, sobretudo quando nos colocamos a serviço dos mais pobres e marginalizados de nossa sociedade. Nosso caminhar hoje também deve expressar a alegria da festa, mas nunca esqueçamos que ansiamos pela libertação.

Sejamos como Jesus, aliás, o evangelista resume toda a vida pública dele com o seguinte testemunho: “Ele tem feito tudo bem; faz os surdos ouvirem e os mudos falarem”.

Bibliografia

BARROS, Marcelo & PEREGRINO, Artur. *A festa dos Pequenos. Romarias da terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

COMBLIN, José. Cidadania, lei e liberdade. In: *Estudos Bíblicos*, n. 79, 2003, p. 101-110.

CNBB – *Campanha da Fraternidade 1981 – Saúde e Fraternidade*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1981.

CORREIA JÚNIOR. *O poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e anti-humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GRÜN, Anselm & DUFNER, Meinrad. *A saúde como tarefa espiritual*. Petrópolis: Vozes, 2005.

KONINGS, Johan. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR., João Luiz Correia. *Evangelho de Marcos. Refazer a casa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Artur Peregrino
arturperegrino@gmail.com

LIVROS RECEBIDOS

- Agnès van Zanten (coord.). *Dicionário de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2011, 160 x 210mm, 827 p.
- Olinto A. Pegoraro. *Sentidos da história*. Eterno retorno, Destino, Acaso, Designio inteligente, Progresso sem fim. Petrópolis: Vozes, 2011, 135 x 210mm, 253 p.
- Vera Barros de Oliveira (org.). *Brinquedoteca*. Uma visão internacional. Petrópolis: Vozes, 2011, 135 x 210mm, 198 p.
- Aurice Tardif; Louis Levasseus. *A divisão do trabalho educativo*. Petrópolis: Vozes, 2011, 135 x 210mm, 301 p.
- Mark Vaughn; Zoë Neil Readhead; Tim Brighthouse; Ian Stronach. *Summerhill e A.S. Neill*. A escola com a democracia infantil mais antiga do mundo. Petrópolis: Vozes, 2011, 135 x 210mm, 280 p.
- Nicolau Maquiavel. *O Príncipe*. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Vozes, 2011, 110 x 180mm, 120 p.
- Sun Tzu. *A arte da guerra*. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Vozes, 2011, 110 x 180mm, 93 p.
- Dom Paulo Evaristo Arns. *Brasil: nunca mais*. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Vozes, 2011, 110 x 180mm, 391 p.
- Friedrich Nietzsche. *Assim falava Zarathustra*. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Vozes, 2011, 110 x 180mm, 365 p.
- Sören A. Kierkegaard. *O conceito de angústia*. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Vozes, 2011, 110 x 180mm, 224 p.
- Friedrich Engels e Karl Marx. *O manifesto do Partido Comunista*. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Vozes, 2011, 110 x 180mm, 160 p.
- Ilios Kostov. *Caderno de Exercícios de inteligência emocional*. Coleção Praticando o bem-estar. Petrópolis: Vozes, 2011, 160 x 220mm, 64 p.
- Pierre Weil. *A arte de viver a vida*. Petrópolis: Vozes & Editora Diálogos do Ser, 2011, 160 x 230mm, 246 p.
- Jean-François Fradeau. *História da Filosofia*. Petrópolis: Editora PUC-Rio, Vozes, 2011, 175 x 240mm, 619 p.
- James Wetzel. *Compreender Agostinho*. Série Compreender. Petrópolis: Vozes, 2011, 120 x 195mm, 214 p.
- Teresa Cristina Rego (org.). *Educação, escola e desigualdade*. Coleção Pedagogia Contemporânea, vol. I. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Educação, 2011, 120 x 180mm, 174 p.
- Olivier Nunge; Simonne Mortera. *Viver bem aqui e agora*. A força do instante presente. Coleção Prática para o Bem Viver. Petrópolis: Vozes, 2011, 105 x 175mm, 94 p.

_____. *Satisfaça a sua necessidade de reconhecimento*. Aceite a si mesmo e seja aceito. Coleção Práticas para o Bem Viver. Petrópolis: Vozes, 2011, 105 x 175mm, 86 p.

Marie-France Muller. *Ousar falar em público*. Os segredos de uma boa comunicação. Coleção Prática para o Bem Viver. Petrópolis: Vozes, 2011, 105 x 175mm, 76 p.

Celso Antunes. *Bom filho, ótimo aluno*. Coleção Na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2011, 120 x 180mm, 93 p.

_____. *A atenção: saldo ou déficit?* Coleção Na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2011, 120 x 180mm, 101 p.

Marie Louise Von Franz. *Sonhos*. Um estudo de Jung, Descartes, Sócrates e outras figuras históricas. Coleção Reflexões Junguianas. Petrópolis: Vozes, 2011, 125 x 190mm, 239 p.

Frei Betto. *Sinfonia universal*. A cosmovisão de Teilhard de Chardin. Petrópolis: Vozes, 2011, 120 x 195mm, 127 p.

Serge Moscovici. *Psicologia das minorias ativas*. Coleção Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2011, 135 x 210mm, 287 p.

Massimiliano Tarozzi. *O que é a Grounded Theory*: Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis: Vozes, 2011, 135 x 210mm, 189 p.

Luciano Tallarico. *Manual de jogos, dinâmicas e atividades de grupo*. Petrópolis: Vozes, 2011, 160 x 230mm, 175 p.